

EXPERIÊNCIA MÍSTICA E METAFÍSICA EM HENRI BERGSON

Alexsandro Melo Medeiros

RESUMO: Ao longo dos séculos, o ser humano sempre colocou para si questões sobre Deus: sua existência, seus atributos e sua natureza. Neste artigo procuraremos abordar a questão de Deus a partir da via do misticismo. Para tratar desta questão iremos recorrer ao pensamento do filósofo francês Henri Bergson, sobretudo a partir de sua obra *As Duas Fontes da Moral e da Religião*. Nosso objetivo será analisar como Bergson propõe oferecer filosoficamente uma prova da existência de Deus e também algo de Sua Natureza. Para o filósofo francês, o ponto de partida para a questão da existência de Deus é a nossa experiência de Deus. Por isso, a experiência mística pode se converter em um poderoso auxiliar de investigação filosófica pois a experiência mística é uma experiência metafísica, em que experimentamos interiormente a existência de Deus. É o próprio Bergson quem afirma que os místicos desvendaram um caminho que todos os outros homens poderão palmilhar e, por isso, indica um caminho possível para o filósofo. A experiência mística é a experiência da existência de Deus. Uma experiência excepcional, uma experiência de amor, uma experiência em que o ser humano sente profundamente o “elán” da vida, o esforço criador que a vida manifesta, sendo que esse esforço “é de Deus, se não for Deus mesmo”. O misticismo é uma experiência interna que, em última análise, nos faz sentir o amor de Deus que irradia para todos. Deste modo chegamos ao ponto central de nossa análise, segundo a qual a experiência mística nos permite abordar a questão metafísica da existência de Deus e também algo de Sua natureza, ou seja, de que Deus é amor.

Palavras-chave: Misticismo, Metafísica, Deus, Amor.

ABSTRACT: Over the centuries, human beings have always asked themselves questions about God: his existence, his attributes and his nature. In this article we will seek to approach the question of God from the perspective of mysticism. To address this issue we will turn to the thought of the French philosopher Henri Bergson, especially from his work *The Two Sources of Morality and Religion*. Our objective will be to analyze how Bergson proposes to offer philosophically a proof of the existence of God and also something of His Nature. For the French philosopher, the starting point for the question of the existence of God is our experience of God. Therefore, mystical experience can become a powerful aid to philosophical investigation because mystical experience is a metaphysical experience, in which we internally experience the existence of God. It is Bergson himself who states that mystics have revealed a path that all other men can follow and, therefore, indicates a possible path for the philosopher. Mystical experience is the experience of the existence of God. An exceptional experience, an experience of love, an experience in which the human being deeply feels the “elan” of life, the creative effort that life manifests, and this effort “is from God, if it is not God himself”. Mysticism is an internal experience that ultimately makes us feel the love of God that radiates to everyone.

In this way we arrive at the central point of our analysis, according to which mystical experience allows us to approach the metaphysical question of the existence of God and also something of His nature, that is, that God is love.

Keywords: Mysticism, Metaphysics, God, Love.

Introdução

A questão da existência de Deus sempre acompanhou, de alguma forma, os mais eminentes debates e discussões teológicas e filosóficas. O ser humano sempre colocou para si questões sobre Deus: sua existência, seus atributos e sua natureza.

São bem conhecidas as famosas cinco vias de São Tomás de Aquino, onde o frade dominicano procurou demonstrar a existência de Deus recorrendo as obras de Aristóteles (GILSON, 1997). Na modernidade o filósofo francês Descartes (2000), a partir de uma elaborada argumentação em torno da existência do *cogito*, procurou deduzir da *res cogitans* a existência da *res infinita*. Contrário de Descartes, Pascal (1973, p. 169), no entanto, acreditava que “as provas metafísicas de Deus acham-se tão afastadas do raciocínio dos homens, e tão embrulhadas que pesam pouco”. Por um lado, temos aqueles que acreditam que a existência de Deus não é um dado que possa ser comprovado pela via da razão e, assim como os dogmas religiosos, só pode ser considerado sob a perspectiva da fé religiosa. Para outros é possível, através da razão, não apenas deliberar sobre a natureza da divindade como até mesmo provar a sua existência. Mas esse debate é ainda mais antigo e podemos incluir aqui as considerações a partir do fenômeno conhecido como misticismo.

Há uma variedade de autores dos primeiros séculos da era cristã que podem ser apresentados para tratar desta temática, como destaca Pinheiro (2022, p. 19), desde o movimento do neoplatonismo, como Plotino, Porfírio, Jâmblico e Proclo, além dos diversos gnosticismos de autores como Orígenes de Alexandria, os Padres da Capadócia (Basílio de Cesareia, Gregório Nazianzo e Gregório de Nissa) e do movimento monástico de um Santo Agostinho¹. Na longa tradição filosófica em torno da questão de Deus,

¹ Não se trata aqui de fazer um resgate histórico com os principais nomes que constituíram os pilares da

merece destaque a obra de Dionísio, o Areopagita, da segunda metade do século V, além do neoplatônico Proclo que vê no misticismo “uma relação originária, íntima e pessoal entre o homem e Deus em virtude da qual o homem pode retornar a Deus e unir-se finalmente a ele num ato supremo” (ABBAGNANO, 2007, p. 672).

Nosso objetivo não é, neste artigo, dar uma resposta para as mais variadas questões sobre Deus que foram suscitadas ao longo de toda a tradição filosófica. O que se pretende é abordar a questão da existência de Deus (e também algo de Sua própria natureza) através da experiência mística e, mais exatamente, a experiência mística tal como a entende o filósofo francês Henri Bergson.

A permanente ocorrência do fenômeno místico na história da humanidade, em todos os povos e culturas, tem chamado a atenção de estudiosos das mais diferentes áreas como historiadores, sociólogos, antropólogos, psicólogos e filósofos. Um vivo interesse por essas experiências de caráter transcendente chamou de tal modo a atenção do filósofo Henri Bergson que culminou com a redação de sua obra *As Duas Fontes da Moral e da Religião*. Na Filosofia Contemporânea, “é Bergson que, preocupado com questões gnosiológicas e metafísicas, investiga com profunda perspicácia o fenômeno místico, relacionando-o com os eixos fundamentais da sua filosofia” (TREVISAN, 2003, p. 66). Ou como afirma Gilson (2005), Bergson pode ser considerado como um dos maiores metafísicos franceses da primeira quinzena do século XX:

A primeira quinzena do século XX francês foi, como nunca antes, muito digno de atenção. Na filosofia, esses anos foram para nós a época de Bergson. Pela primeira vez depois de Descartes, a França tinha a boa fortuna de possuir um destes seres raros que são os grandes metafísicos (GILSON, 2005, p. 99, tradução nossa).

É com base nas ideias do pensador francês que procuraremos tecer algumas considerações sobre o fenômeno místico e como procedimento metodológico este artigo

mística ocidental, entretanto, não podemos deixar de mencionar que, em termos históricos, as primeiras manifestações são ainda mais antigas, com os mistérios gregos de Elêusis, o dionisismo e o orfismo (LOSSO, 2022, p. 39)

segue a pesquisa bibliográfica tomando como base principalmente a obra: *As Duas Fontes da Moral e da Religião*.

O Misticismo e a Questão de Deus em Bergson

O fenômeno místico tem sido observado nas mais diferentes culturas, nas mais diferentes religiões e em diferentes épocas. Em sua análise da experiência mística, Velasco (2003) destaca a dificuldade de encontrar um sentido único e universal para o conceito de mística, todavia, identifica alguns elementos que configuram uma tal experiência dentre os quais podemos destacar a ideia de uma experiência interior e uma união íntima com Deus como parte desta experiência.

Assim, pois, com a palavra “mística” nos referiremos, em termos todavia muito gerais e imprecisos, a experiências interiores, imediatas, fruitivas, que ocorrem em um nível de consciência que supera a que rege a experiência ordinária e objetiva, da união – qualquer que seja a forma com que se possa vivê-la – do sujeito com o todo, o universo, o absoluto, o divino, Deus ou o Espírito (VELASCO, 2003, p. 23, tradução nossa).

Da mesma forma, Underhill (1974 e 1999), ao procurar esclarecer o conceito de mística, ressalta a polissemia do termo e de como ele pode ser utilizado em diferentes sentidos, seja pela religião, filosofia e até pela poesia. Apesar disso, a autora procura descrever algumas características que aparecem repetidamente nos relatos dessas experiências a partir daquilo que chama de a essência da mística (UNDERHILL, 1999). Dentre essas características ela fala de uma experiência pessoal, uma consciência da divindade, o estágio de contemplação ou iluminação e também o momento de união mística com o Mistério² ou Divindade.

² Originalmente a ideia de mística está diretamente relacionada com o conceito de mistério. Há uma relação direta com os cultos desenvolvidos pelas escolas e mistérios do mundo grego, bem como a própria raiz da palavra que tem origem no grego *mystikos*: “referente aos mistérios (ta mystika), quer dizer, as cerimônias das religiões místicas nas quais o iniciado (mystes) se incorporava ao processo de morte-ressurreição do deus próprio de cada um desses cultos” (VELASCO, 2013, p. 19, tradução nossa).

Poderíamos falar em uma “rebeldeia do conceito”, como sugere Medeiros (2014), pois o conceito de mística não parece nem fixo nem definitivo: “É rebelde na acepção da palavra, porque permanentemente discutível; rebelde, porque intrinsecamente polissêmico” (MEDEIROS, 2014, p. 19). A dificuldade em se definir o conceito de alguma forma está ligada ao fato de que o misticismo parecer ser um fenômeno que vai muito além daquilo que a linguagem, falada ou escrita, pode conceituar. Os relatos dos místicos nos apresentam algo que aparece sempre além dos limites da nossa capacidade de perceber a realidade e, por isso, como sendo um fenômeno indescritível. “É possível perceber existir ali algo que foge do alcance da mente humana, desafia a lógica racional” (MEDEIROS, 2014, p. 20).

Trata-se de uma vivência concreta do ser humano, de percepção da presença divina, que se revela como uma união e uma presença que age amorosamente, conforme pondera Bingemer (2020, p. 92) “união com o mistério divino”, a partir da qual Deus é uma força superior percebida como uma energia criadora e amorosa. A experiência mística seria, então, uma “experiência radical do amor de Deus” (BINGEMER, 2020, p. 91). Os místicos ensinam que Deus é amor. “Todos os místicos, de qualquer gênero, tempo ou espaço, são pessoas apaixonadas por Deus” (BINGEMER, 2020, p. 93). Uma experiência amorosa que é também uma experiência de união do indivíduo com alguma força que ele considera divina e sagrada.

Ressaltamos esta ideia de experiência amorosa com Deus pois é a ideia fundamental que encontramos na obra de Bergson, como veremos ao longo do artigo. Bergson não deixa dúvidas quando fala do valor filosófico (e metafísico) do misticismo³ para abordar experimentalmente não só o problema da existência, mas também a questão da natureza de Deus, de que Deus é amor, da qual aprofundaremos mais adiante.

A questão da experiência mística e, conseqüentemente, de Deus, é abordada por Bergson em profundidade na obra *As Duas Fontes da Moral e da Religião*. Uma obra que “se destaca e sobressai pela sua beleza e profundidade” (TREVISAN, 2003, p. 75) e na

³ Por valor filosófico do misticismo, podemos entender aqui a ideia de “julgar a mística de um ponto de vista *filosófico* e não *religioso*. O valor do *conhecimento* da mística [...] é suscetível de dizer respeito não apenas aos fiéis de tal ou qual religião, mas a qualquer assunto do conhecimento” (FENEUIL, 2002, p. 4 – grifos do autor, tradução nossa).

qual “se respira o perfume de uma verdadeira atmosfera religiosa, de espiritualidade plena de aspirações místicas” (MARCEAU, 1986, p. 52, tradução nossa).

O problema de Deus tem um lugar relevante na obra *As Duas Fontes*. O ponto de partida para a questão da existência de Deus é a nossa experiência de Deus. Um rápido olhar sobre a história das religiões, seja no ocidente ou no oriente, nos permite perceber inúmeros relatos de experiências com aquilo que consideram como o Mistério ou o Divino. O que o filósofo francês propõe em sua obra é que essa experiência vivida deve ser considerada para tratar da existência de Deus.

Em Bergson, o caminho encontrado para falar sobre a existência de Deus foi o caminho do misticismo, como pondera Vieillard-Baron (2007, p. 102): “ele queria permanecer, em metafísica, no terreno da experiência. Somente a experiência mística lhe parecia uma experiência de Deus”. E tal como ele mesmo declara em uma entrevista dada a Jacques Chevalier:

– Chevalier: De que modo o senhor encontrou Deus? – Bergson: A maneira em que encontrei Deus. oh!, quem sabe, a maneira como Deus me encontrou?! Não houve em mim conversão, no sentido de iluminação súbita. Aproximei-me Dele pouco a pouco. E, sem dúvida, tive certamente uma desarticulação: não foi outra senão a leitura dos místicos (CHEVALIER, 1960, p. 39, tradução nossa).

Como parte deste projeto bergsoniano de “permanecer, em metafísica, no terreno da experiência”, temos o que o filósofo propôs como utilizar “o misticismo *como prova filosófica* ou, em suas próprias palavras [...] *integrar a mística com a filosofia*” (FENEUIL, 2012, p. 8 – grifos do autor, tradução nossa). O misticismo deve, portanto, “fornecer o meio de abordar experimentalmente o problema de Deus, porque ele constitui uma tomada de contato com a fonte do élan criador⁴” (MARCEAU, 1986, p. 49).

A experiência mística em Bergson pode se converter em um poderoso auxiliar de investigação filosófica. A experiência mística é uma experiência metafísica, em que experimentamos interiormente a existência de Deus. No campo da metafísica, o caminho válido para se chegar à existência de Deus é experimentar Deus em nós e, para o filósofo

⁴ O tema do élan criador é fundamental para entendermos a experiência mística em Bergson e será desenvolvido com maiores detalhes mais adiante.

francês, ao ensinar que Deus é amor, nada impede que os filósofos procurem compreender esta ideia.

Sobre a importância de introduzir o misticismo no campo da investigação filosófica e até da metafísica é o próprio Bergson quem o atesta, ao afirmar que os místicos desvendaram um caminho que todos os outros homens poderão palmilhar e, por isso, “indicaram ao filósofo o lugar de onde vinha e o lugar para onde ia a vida” (BERGSON, 1978, p. 210;212). E ainda: “Bem longe de ser dependente de uma metafísica, a essa metafísica é que dará seu mais sólido apoio” (BERGSON, 1978, p. 43).

Trilhando o caminho aberto pelos místicos, todos podemos vivenciar a experiência mística. Bergson dá a este respeito o exemplo do missionário e explorador britânico David Livingstone (1813-1873), que se tornou famoso por suas explorações no interior do continente africano. Segundo esta analogia, a geografia teria se construído durante muito tempo através de relatos em muitos casos feitos por um único explorador. Mas esses relatos poderiam ser confirmados através de uma viagem semelhante por qualquer explorador que quisesse comprovar o fato narrado. Ora, algo semelhante acontece com a mística. É como se os místicos que realizaram esta viagem tivessem construído um mapa indicando o caminho e, portanto, é uma viagem passível de verificação e experimentação. Eis a passagem onde Bergson se refere à Livingstone:

No tempo em que a África central era uma terra incógnita, a geografia baseava-se no relato de um explorador único se este oferecesse garantias suficientes de honestidade e de competência. O traçado das viagens de Livingstone por muito tempo figurou nos mapas de nossos atlas. Replicar-se-á que a verificação era possível de direito, senão de fato, e que outros viajantes eram livres para irem verificar que, de resto, o mapa desenhado com base nas indicações de um viajante único era provisório até que explorações ulteriores o tornassem definitivo. Estou de acordo; mas o místico, por sua vez, fez uma viagem que outros podem refazer de direito, senão de fato (BERGSON, 1978, p. 202).

A experiência mística, embora seja individual e excepcional, pode ser vivenciada por outros indivíduos. Não só a vivência mística pode ser experimentada por qualquer indivíduo, como é preciso considerar que tal vivência não depende de uma forma religiosa institucionalidade para ocorrer embora, muitas experiências místicas, surjam no interior

de uma religião. Na contemporaneidade, com efeito, como pondera Bingemer (2020), os místicos já não estão mais apenas atrelados institucionalmente a uma religião e já não são mais encontrados apenas dentro dos claustros ou ordens religiosas. Na contemporaneidade, o fenômeno místico “já não apresenta contornos institucionais nítidos, mas, pelo contrário, aponta para uma tendência transreligiosa, em que o contato buscado se dá com o fundo mais profundo, o segredo último da realidade, que nós chamamos de Deus” (BINGEMER, 2020, p. 91).

Seguindo as ideias do psicólogo norte americano William James, autor da obra *The Varieties of Religious Experience*, Bergson admite a possibilidade de que a experiência mística pode ser vivenciada por qualquer indivíduo e essa experiência se justifica, na verdade, porque segundo Bergson, todos nós temos um “místico adormecido”: o místico, como já frisamos, “fez uma viagem que outros podem refazer de direito, senão de fato” (BERGSON, 1978, p. 202). Em suas correspondências com William James, Bergson (1974) fala da impressão que teve ao ler a obra *The Varieties of Religious Experience*, da impressão que a leitura dessa obra causou no filósofo francês e de como James havia conseguido extrair a própria quintessência da emoção religiosa e de como esta emoção está relacionada com a união com uma potência superior.

Desta forma, Bergson acredita então que a experiência mística é uma aliada possível da filosofia. Ela pode completar o raciocínio filosófico. O filósofo pode chegar a uma confirmação, considerando como verossímil a existência de uma experiência privilegiada através da qual é possível entrar em comunicação com um princípio transcendente.

O interesse de Bergson pelo estudo do fenômeno místico tem uma base filosófica, mas de uma filosofia que deve ir além dos limites da inteligência discursiva para, através da experiência interior, entrar em contato com a própria vida. Não se trata de negação da racionalidade discursiva, mas de ampliação de suas possibilidades: “levando, assim, à ampliação e não à recusa da racionalidade, antes limitada aos resultados obtidos pela inteligência” (CARNEIRO, 2021, p. 14). A dificuldade de se ater exclusivamente ao plano da inteligência discursiva, sem recorrer a essa espécie de experiência interior que o fenômeno místico proporciona, se deve ao fato de que é muito frequente que os próprios

místicos se refiram a incapacidade de expressar em palavras essa vivência do Mistério. Os místicos, como sugere Underhill (1999), não conseguem expressar completamente essa vivência no plano do intelecto.

Por isso, no que se refere ao conhecimento da existência de Deus é preciso ir além do plano da cognoscibilidade intelectual, para uma vivência experiencial que supera tal plano. Vivência experiencial que encontramos no fenômeno místico: “o misticismo deve, de alguma forma, fornecer meios de se focar a existência de Deus, de algum modo experimental. Pois, se Deus é um existente, o autor [Bergson] crê que ele é percebido, ou que poderia sê-lo. Que ele é dado numa experiência, real ou possível” (FARIA, 2009, p. 72).

Seria inexato, contudo, acreditar que Bergson possa ser considerado, por isso, um anti-intelectualista: “Ele jamais abriu mão da inteligência, mas se esforçou por demonstrar o alcance e os limites do conhecimento desenvolvido por ela” (MEDEIROS, 2014, p. 143-144). Usando a inteligência, é possível não só provar a existência como também falar da não existência de Deus. “A utilização de argumentos lógicos e racionais, fundamentados em um sólido arcabouço conceitual, pode, aparentemente, provar qualquer fato. Isso se assemelha a própria história da filosofia: uma sequência extensa de prós e contras em relação a teorias” (MEDEIROS, 2014, p. 144). Mas a partir do momento que o indivíduo tem essa experiência interior, então a negação já não se torna mais possível. Deus é percebido como um Ser real, existente, que se manifesta interiormente, apesar das nossas limitações em percebê-Lo.

Não se pode, portanto, permanecer unicamente no plano do intelecto, para abordar o tema da existência de Deus. É preciso entrar no campo da experiência e, de todas as experiências, aquela que mais nos aproxima de Deus é a experiência mística. “A experiência mística é, para Bergson, a continuação, em profundidade, da experiência metafísica. É, portanto, uma experiência metafísica de Deus, uma experiência em que Deus é conhecido interiormente” (FERREIRA, 2020, p. 322). Por isso, Bergson ressalta a importância dessa vivência e experiência interior:

Bergson recusa-se a desqualificar a experiência interior, a consciência que cada um de nós tem de si mesmo, como método em filosofia. Não somente a consciência ultrapassa os outros métodos, mas pode, ela mesma, nos servir de método para atingir melhores resultados em todos os domínios (WORMS, 1992, p. 12, tradução nossa).

Podemos concluir, portanto, que Bergson é bastante claro ao afirmar que o misticismo possibilita abordar experimentalmente a questão de Deus e vejamos agora como o filósofo propõe também que esta experiência nos remete a algo da própria natureza divina.

A Experiência Mística como Experiência do Amor de Deus

Já vimos que para o filósofo francês o ponto de partida para a reflexão, filosófica e metafísica, da existência de Deus, deve ser a nossa experiência de Deus. O caminho encontrado pelo filósofo francês para falar sobre a existência de Deus foi através da experiência mística e ele mesmo declarou isso em sua entrevista a Jacques Chevalier, como citado anteriormente.

Um fenômeno – a experiência mística – que, para Bergson, deve ser entendido como uma tomada de contato com o impulso criador que manifesta e cria a vida, uma experiência em que o ser humano sente profundamente o *élan* da vida e, por isso, o misticismo é definido na sua relação com o *élan vital*. Para Carneiro (2021, p. 60), a experiência mística é uma experiência direta com o ato criador: “implica na ontologia bergsoniana alcançar o ato criador, quando a matéria e o impulso vital estão enfeixados num só ato em sua simplicidade original indivisa”. Os místicos seriam, de alguma forma, “insuflados pelo mesmo *élan* cujo desenvolvimento resulta no interminável espetáculo da evolução” (ROCHAMONTE, 2011, p. 128). Ou, como afirma Gouhier (1961, p. 194): “O *élan* místico é uma intensificação do *élan vital*”⁵.

⁵ O conceito de *élan vital* está presente na obra *A Evolução Criadora* (BERGSON, 2005) e também aparece, por exemplo, na conferência Huxley, feita na Universidade de Birmingham, em 29 de maio de 1922, intitulada *La conscience et la vie* e que consta como capítulo 1 da obra *L'Énergie Spirituelle* (BERGSON, 1922). Este conceito é retomado na obra *As Duas Fontes da Moral e da Religião*. O tema da correlação entre *A Evolução Criadora* e *As Duas Fontes* é destacado por Medeiros (2014), Monteiro (2021), Rochamonte (2016) e Bonadio (2013). “O interesse de Bergson, manifestado de forma clara ao longo de

O misticismo resulta de um retorno na direção donde procede o *élan vital*, e nasce da pressentida captação do inacessível a que a vida aspira. Esse impulso original da vida, esse fluxo de energia criadora, como dissemos, é a origem da experiência mística: “a experiência mística constitui, portanto, a verdade final do processo evolutivo: é na alma do místico que, finalmente, o ser é restituído à sua integral aparência” (PRADO JÚNIOR, 1989, p. 261).

Estamos diante de uma extraordinária epopeia, que tem como princípio o impulso criador da vida e que, em última análise, identifica-se com o próprio amor de Deus. Bergson ressalta o primado do amor: “Foram chamados à existência seres que estavam destinados a amar e ser amados. A energia criadora deve definir-se pelo amor” (BERGSON, 1978, p. 212). O fenômeno místico está diretamente relacionado com a energia do amor pois “Deus é amor, e é objeto de amor: tudo o que o misticismo tem a dizer e a fazer consiste nisso” (BERGSON, 1978, p. 208).

Essa experiência interna nos faz sentir o amor de Deus que irradia para todos. O amor é percebido como uma força, uma energia, que irradia para toda a criação. A “força de amar a humanidade” vem desse contato com o princípio gerador da espécie humana (*élan vital*) em que a alma sente-se “em coincidência com o próprio princípio da vida” (BERGSON, 1978, p. 45). Podemos inferir então que, “o conhecimento metafísico só é verdadeiramente alcançado pela mística, que se apresenta como um caminho de evolução, onde os humanos identificam Deus/Amor” (MEDEIROS, 2014, p. 16). A experiência mística é essa experiência do amor de Deus pois, como aponta Bingemer (2020, p. 95): Deus é o ser que “não pode não amar”.

Em sua interioridade, “nas profundezas obscuras da alma”, o místico se liga de alguma forma ao princípio criador e exprime esse contato como sendo uma experiência de amor que eleva sua alma à Deus. “Eis o ponto específico da ação mística: trata-se de uma identificação da alma do místico para com o Criador da vida, no qual o místico se

As Duas Fontes da Moral e da Religião, é a confirmação de uma nova metafísica [...] Tal é para o filósofo, o conhecimento místico. Essa obra se revela como uma complementação da *Evolução Criadora*” (MEDEIROS, 2014, p. 149).

reconhece amante e amado ao mesmo tempo” (ZENI, 2014, p. 97-98). E nas palavras do próprio filósofo francês:

A nosso ver, o advento do misticismo é uma tomada de contato, e por conseguinte uma coincidência parcial, com o esforço criador que a vida manifesta. Esse esforço é de Deus, se não for Deus mesmo. O grande místico seria uma individualidade que ultrapasse os limites impostos à espécie por sua materialidade, individualidade que continuasse e prolongasse assim a ação divina (BERGSON, 1978, p. 182).

Temos então essas almas excepcionais, os místicos, que conseguem ir além dos limites impostos à espécie humana e, em um movimento de captação do impulso criador da vida, entram em sintonia com o Mistério, o Sagrado, o Absoluto. Os indivíduos que passam por essa experiência são transformados por ela e, com isso, se tornam transformadores das sociedades. Sua experiência e os conhecimentos que eles transmitem se tornam a base de uma nova forma de encarar a vida, “aberta e dinâmica”, em oposição ao “fechado e ao estático”, motivando outros a seguirem o seu exemplo. Quando um grande místico aparece, a própria moral e a religião ganham uma nova orientação. São aquecidas e iluminadas pela presença dessas grandes almas, que se tornam então exemplos de união direta com o Mistério, capaz de conduzir outras almas ao Infinito. A experiência mística encontra sua realização na união com o Absoluto pois a fonte do movimento criador não é outra, senão, o próprio Deus.

Considerações Finais

Se a filosofia no século XX, com a popularidade do existencialismo ateu, do marxismo, do niilismo, acreditou poder excluir de seus debates a questão de Deus, observamos também um movimento na direção oposta, e para alguns até surpreendente, que é o retorno da religião como tema de interesse digno da filosofia. Um renascimento da filosofia da religião acompanhado de uma renovada pesquisa em metafísica.

Um dos filósofos contemporâneos que, sem dúvida, contribuiu para este renascimento foi o francês Henri Bergson e, ao longo deste artigo, procuramos

demonstrar como, através da obra *As Duas Fontes da Moral e da Religião*, Bergson demonstrou um vivo interesse pela questão de Deus a partir do qual poderíamos falar também de um vivo interesse pela metafísica. Razão pela qual Bergson pode ser considerado um dos mais eminentes, senão o maior, metafísico francês da primeira quinzena do século XX.

Ao realizar um meticoloso e aprofundado mergulho em questões morais e religiosas, Bergson mergulhou igualmente no campo da metafísica, mas de uma metafísica que não é apenas especulativa e que enfatiza a necessidade de uma vivência experiencial, em direção à experiência do próprio Mistério e do Divino. Tal é, para o filósofo, o conhecimento místico. Um conhecimento que deve possibilitar abordar a questão da existência e da natureza de Deus, ou seja, não apenas de que Deus existe, mas igualmente a ideia de que Ele é amor.

Os místicos são insuflados por aquilo que o filósofo chama de *élan* criador e manifestam esse contato como uma experiência de amor. Não é possível compreender este fenômeno – a experiência mística – sem levar em consideração a existência do impulso criador que manifesta e cria a vida pois, o misticismo, é definido na sua relação com o *élan vital*. A experiência mística implica na tomada de contato com o ato criador.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução coordenada e revista por Alfredo Bosi. 5. ed. revista e ampliada. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BERGSON, H. **A Evolução Criadora**. Tradução Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Coleção Tópicos).

BERGSON, H. **As Duas Fontes da Moral e da Religião**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

BERGSON, H. **L'Énergie Spirituelle**: essais et conférences. 7. ed. Paris: Librairie Félix Alcan, 1922.

BERGSON, H. Cartas, Conferências e Outros Escritos. In: BERGSON, H.; BACHELARD, G. **Cartas, Conferências e Outros Escritos; A Filosofia do Não; O Novo Espírito Científico; A Poética do Espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 7-16. (Coleção Os Pensadores)

BINGEMER, Maria Clara. **Mística na Contemporaneidade: impactos sobre a antropologia e a teologia**. In: PINHEIRO, Marcus Reis; BINGEMER, Maria Clara; CAPELLI, Marcio (orgs.). **Mística e Ascese: da tradição platônica à contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2020, p. -89-106.

BONADIO, Gilberto B. **Moral: vida e emoção**. **Kínesis**, (5)10, p. 84-100, dez., 2013. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/kinesis/article/view/4534>>. Acesso em 20 ago. 2023.

CARNEIRO, Oscar de Lira. **Experiência Mística e Metafísica em Henri Bergson**. Campina Grande: EDUFCEG, 2021.

CHEVALIER, J. **Bergson y el Padre Pouget**. Madrid: Aguilar, 1960.

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FARIA, Marco Antônio B. **Vida e Criação: a Religião em Bergson**. 101 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG, 2009.

FENEUIL, Anthony. **Percevoir Dieu ? Henri Bergson et William P. Alston**. **ThéoRèmes**, 2, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/theoremes.310>>. Acesso em 20 de set. 2023.

FERREIRA, Rildo da Luz. **O problema da intuição mística como instrumento de investigação metafísica na obra de Henri Bergson**. **Interações**, v. 15, n. 2, 2020. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/3130/313064967007/html/>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

GILSON, Etienne. **Le philosophe et le théologien**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2005.

GILSON, Etienne. **Le Thomisme**: introduction à la philosophie de S. Thomas d'Aquin. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1997.

GOUHIER, Henri. **Bergson et le Christ des Evangiles**. Paris: Arthème Fayard, 1961.

LOSSO, Eduardo Guerreiro. **O Conceito de Mística: Os Problemas**. In: LOSSO, Eduardo Guerreiro; BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcus Reis (orgs.). **A Mística e os Místicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022, p. 37-50.

- MARCEAU, William C. La philosophie spirituelle d'Henri Bergson. **Laval théologique et philosophique**, v. 42, n. 1, p. 35-55, fév., 1986. Disponível em: <<https://doi.org/10.7202/400215ar>>. Acesso em 20 set. 2023.
- MEDEIROS, Azize Maria Yared de. **Nas Trilhas do Impulso Vital: Compreendendo a Mística Bergsoniana**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião), Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO, 2014.
- MONTEIRO, Geovana Paz. Religião, vida e sociedade: breve estudo a partir de Bergson e Freud. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 44, n. 3, p. 151-176, jul./set., 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n3.14.p151>>. Acesso em: 06 ago. 2023.
- PASCAL, B. **Pensamentos**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores)
- PINHEIRO, Marcus Reis. O Conceito de Mística: As Origens. In: LOSSO, Eduardo Guerreiro; BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcus Reis (orgs.). **A Mística e os Místicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022, p. 13-22.
- PRADO JÚNIOR, Bento. **Presença e campo transcendental**. São Paulo: EDUSP, 1989.
- ROCHAMONTE, Catarina. Élan Vital e experiência mística: a intuição bergsoniana entre filosofia e espiritualidade. In: Anais do VII Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar, 2011. Disponível em: <www.ufscar.br/~sempgfil/wp-content/uploads/2012/05/catarinarochamonte.pdf>. Acesso em 20 ago. 2023.
- ROCHAMONTE, Catarina. Henri Bergson: mística e método. **Paralellus**, Recife, (7)14, p. 99-115, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.20426/P.2178-8162.2016v7n14p099>>. Acesso em 20 ago. 2023.
- TREVISAN, Murilo Rubens. O valor filosófico do misticismo. São João da Cruz: aproximações bergsonianas. **Síntese – Revista de Filosofia**, (30)96, 2003: 65-83. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/508>>. Acesso em: 21 set. 2023.
- UNDERHILL, Evelyn. **Mysticism**. A study in the nature and development of man's spiritual consciousness. New York: New American Library, 1974.
- UNDERHILL, Evelyn. **The Essentials of mysticism and other essays**. Oxford: Oneworld Publications, 1999.
- VIEILLARD-BARON, Jean-Louis. **Conhecer Bergson**. Tradução Mariana de Almeida Campos. Petrópolis: Vozes, 2007.
- VELASCO, J. M. **El Fenómeno Místico – Estudio Comparado**. 2. ed. Madri: Trotta, 2003.
- WORMS, Frédéric. **Introduction à Bergson: l'ame et le corps**. Paris: Hatier, 1992. (coll. Textes Philosophiques)
- ZENI, Tiago. **Mística e Ação em Bergson: a experiência mística como fonte de ação transformadora da humanidade**. 2014. 126 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2014.